MENSAGENS SOBRE ESCARIFICAÇÕES NA INTERNET: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Josani Campos Ferreira[1]
Paulo José da Costa[2]

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é analisar alguns depoimentos postados na internet por pessoas que se identificam como adolescentes do sexo feminino, procurando articular elementos que tornem possível uma compreensão psicanalítica do ato de escarificação. Desenvolveu-se a partir do método de análise de conteúdo, em que 41 postagens foram divididas em categorias de análises; a teoria psicanalítica fundamentou a análise e interpretação do material. Dentre os principais achados, observou-se que vivências relativas à passagem adolescente, associadas a vivências subjetivas, cujo laço social dificulta a apropriação de seu corpo, podem levar algumas adolescentes a produzirem as escarificações como tentativas de escapar das tensões que lhes afetam; mais do que se machucar, os cortem servem, então, para delinear um contorno corporal.

PALAVRAS-CHAVE: *Automutilação, Adolescência, Psicanálise, Internet.*

[1] Analista Judiciária (na área de Psicologia) do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná. Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.
[2] Professor adjunto do Departamento de Psicologia (Graduação e Pós-Graduação) da Universidade Estadual de Maringá. Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Desenvolvimento Humano - CNPq/UEM.

MESSAGES ABOUT ESCARIFICATION INTO THE INTERNET: A PSYCHOANALYTICAL STUDY

ABSTRACT

The aim of this research is to examine some testimonials posted on the internet by people who identify themselves as female adolescents, looking to articulate elements that make possible a psychoanalytic understanding of the act of scarifying. It was developed using the method of content analysis, in which 41 posts were divided into categories of analysis; psychoanalytic theory was used to analyse and interpret the material. Among the main findings, we observed that experiences related to adolescent passage, associated with subjective experiences which social bond makes difficult the body appropriation, it can lead some adolescents to produce the scarification as attempts to escape from stresses affecting; more then get hurt, cuts have the purpose of delineate bodily outline.

KEYWORDS: *Self-mutilation, Adolescence, Psychoanalysis, Internet.*

INTRODUÇÃO

Produzir cortes no próprio corpo, através de um objeto pérfuro-cortante, num ato que ocorre geralmente às escondidas, é o que aqui se denomina escarificação. Ao mesmo tempo em que este ato ocorre de forma solitária e silenciosa e as cicatrizes deixadas costumam ser escondidas através do uso de pulseiras ou de blusas de mangas compridas, observou-se no ciberespaço um número crescente de postagens contando sobre a realização deste ato. Assim, o ambiente virtual, de circulação pública e extremamente ampla no tempo e no espaço, tem sido o meio pelo qual muitas pessoas buscam informações sobre este fenômeno da escarificação (que é mais popularmente conhecido como *cutting* ou automutilação), bem como compartilham entre si suas histórias particulares sobre este ato de cortar-se.

Essa aparente contradição de postar num ambiente público uma mensagem sobre o ato de cortar-se, que é realizado, geralmente, em uma circunstância privada, é o que motivou a realização desta pesquisa. Partindo de postagens de pessoas que se auto-identificam como adolescentes do sexo feminino, esta pesquisa procurou articular alguns elementos que favorecessem uma compreensão psicanalítica sobre o ato de escarificação.

De antemão, assinala-se que este tema pode ser considerado difícil e espinhoso, em função de ainda não existir consenso científico quanto ao conceito de escarificação e por que o número reduzido de pesquisas existentes está distribuído entre campos diversos do saber, tais como a psiquiatria, a psicologia, a psicanálise, a sociologia e a antropologia, de tal modo que o enfoque e a conceituação teórica são muito distintos.

Dentre estas pesquisas, algumas enquadram a escarificação como uma das formas de autolesão (ADLER; ADLER, 2011; FAVAZZA, 1998; SUYMOTO, 1998; WHITLOCK; POWERS; ECKENRODE, 2006). Para estes autores, a autolesão, também conhecida como automutilação, autoinjúria e/ou violência autoinfligida, pode ser definida como um dano físico praticado no próprio corpo, cuja intensidade é capaz de provocar dano ao tecido e/ou deixar marcas visíveis que não desaparecem em poucas horas.

Outras pesquisas referem à escarificação como uma conduta de risco (LE BRETON, 2010, 2012), definindo-a como uma forma de atuação, geralmente iniciada na passagem adolescente e juventude, em que o próprio sujeito se expõe a um perigo,

com riscos de se ferir ou mesmo morrer, mas que paradoxalmente servem ao sujeito também como tentativa de se agarrar à vida.

Por fim, alguns estudos a descrevem como a inscrição de uma marca corporal (COSTA, 2002a, 2002b, 2003; DOUCET; GASPARD; SILVA JR; CARVALHO, 2008; MANSO; CALDAS, 2013; SILVA JR.; MOREIRA, 2013), considerando que essas marcas se constituem em tentativas de estabelecer traço e escrita de bordas corporais, que precisam ser refeitas como possibilidade de representar o sexual recolocado ao adolescente diante das modificações pubertárias, bem como a escarificação parece adquirir o estatuto de ato que transgride e ao mesmo tempo busca limites, como será discutido posteriormente.

Estratégias Metodológicas

Este estudo se consistiu numa investigação qualitativa, e a análise de conteúdo, tal como propõe Moraes (1999), foi o método escolhido para a sua efetivação, por compreender que o mesmo proporciona uma forma sistematizada de organizar o material recolhido, favorecendo a posterior análise e interpretação. Assim, o material chega ao pesquisador em estado bruto, e este, mediante uma série de estratégias e rearranjos, pode então processá-lo de forma que lhe possibilita a compreensão, a interpretação e a inferência que se pretende com a análise de conteúdo.

Considerando que os depoimentos aqui abordados partem de mensagens postadas na internet a partir da própria experiência de cortar-se, o critério adotado para a seleção foi o de escolher mensagens postadas por pessoas que se designam como adolescentes do sexo feminino. Como a literatura especializada localiza nesta população específica a maior incidência desta prática (ADLER; ADLER, 2011; FAVAZZA, 1998; JATOBÁ, 2010; LE BRETON, 2010, 2012; SUYEMOTO, 1998; WHITLOCK et al., 2006), optou-se por este recorte.

Realizou-se o levantamento do material através do site de busca Google, resultando em 41 postagens oriundas de 36 pessoas que se autodescreviam como adolescentes do sexo feminino, com idades entre 12 e 17 anos. Embora não se possa garantir a veracidade dessa auto-identificação, é importante destacar que se sabe que postagens de blogs tendem a estabelecer entre si um "pacto de sinceridade" (LIMA;

SANTIAGO, 2010, p. 55). Além disso, sob a ótica psicanalítica, considera-se mais relevante a realidade psíquica daquele que narra sua história.

Portanto, ao partir do pressuposto da realidade psíquica de cada sujeito que escreve sobre a sua verdade, foi possível realizar a leitura e a análise de cada depoimento, o que possibilitou articular alguns elementos da passagem adolescente com a incidência da produção de cortes.

As postagens selecionadas foram decompostas em unidades de análise e, seguindo os critérios de Moraes (1999), foram definidas as categorias temáticas. Para sustentar a interpretação, que em sua realização tenta inferir as motivações inconscientes nas entrelinhas das mensagens, esta pesquisa fundamentou-se na teoria psicanalítica, procurando encontrar nela elementos que ajudassem a compreender o fenômeno aqui investigado.

As categorias temáticas e a compreensão psicanalítica acerca de cada uma delas foram gradualmente elaboradas, e a medida em que se delineavam, também foi possível constatar articulações relevantes entre os temas aqui desenvolvidos.

Descrição e Análise das Categorias Temáticas

Tendo em consideração os pressupostos anteriormente explicitados, seguem abaixo os principais achados deste estudo:

1. Dor e Angústia

As histórias narradas nas postagens vêm carregadas de sentimentos, dentre os quais se destacam a dor e a angústia. Assim, estas pessoas falam sobre as dores físicas das lesões e as dores psíquicas que preexistem e persistem, sobre um sofrimento intenso, profundo, do qual tentam se livrar através dos cortes. Os relatos evidenciam a necessidade de produzir uma dor corporal, de tal modo que nos pareceu premente compreender a motivação para a realização de um ato que culmina em um sofrimento no próprio corpo.

O que os depoimentos contam é que, a despeito da dor física provocada pelos cortes, a realização das escarificações promovem alívio de uma sensação intensa, intangível e de difícil apreensão: a dor psíquica.

Portanto, provocar cortes no próprio corpo geralmente é consequência de uma sensação forte e desagradável, que doravante chamaremos de dor psíquica, cujos diversos nomes atribuídos pelas depoentes tentam interpretá-la: dor, dor psicológica, agonia, depressão, bipolaridade, desespero, vazio, frustração, entre muitos outros, como demonstra o seguinte trecho: *"foram muitos os motivos que me levaram a dar início à isso. Insegurança, medo, culpa, vergonha alheia, raiva, ódio, tristeza profunda, desordem mental; com certeza foram algumas das razões para eu ter feito o que fiz"* (A26).

A dor psíquica é aqui descrita como uma sensação forte e desagradável, em razão do conteúdo dos próprios depoimentos - se trata de um afeto intenso o suficiente para permanecer tempos após o evento que o disparou e capaz de ressurgir frente a uma lembrança, e desagradável porque a pessoa afirma querer livrar-se daquilo que sente, por ser algo para além do que concebe suportar.

Evidencia-se, então, que a dor física é capaz de amenizar a importância desse afeto desagradável, ao interpor uma barreira à dor psíquica preexistente, como se evidencia no trecho a seguir: *"... peguei uma faca e comecei a fazer cortes no meu braço, isso parece que fez eu esquecer a dor de dentro de mim e lembrar somente das dores dos meus cortes"* (A13).

No texto freudiano "Inibições, sintoma e ansiedade" (FREUD, 2006e), especificamente no adendo C, o autor explica que um ponto doloroso em seu corpo pode direcionar toda a economia libidinal de um sujeito, que se concentra a fim de apaziguá-lo. Assim, a dor física, na prática das escarificações, serviria como um desvio psíquico.

Junto com a dor psíquica, é bastante frequente, nos relatos, referências relativas à forma como a pessoa concebe a si própria, em que geralmente descrevem-se como menos importante para si e para os outros: *"Meus cortes são feitos para aliviar dores emocionais que passei durante tanto tempo, é como se fosse uma punição para mim mesma do que os outros fizeram a mim. Sinto-me como se fosse o 'erro' pelo mundo ser assim."* (A24).

Tanto no texto sobre a "Feminilidade" (FREUD, 2006g), como no artigo "O problema econômico do masoquismo" (FREUD, 2006d), Freud assinala de maneira muito perspicaz uma relação entre culpa e dor autoinfligida, em que a economia libidinal se direciona para dentro e atua violentamente contra si mesmo. Comenta,

ainda, que este modo de suprimir a agressividade, desviando para o próprio eu o impulso destrutivo, é uma característica constitutiva eminentemente feminina.

Deste modo, a dor física, autoinfligida, também pode estar ligada a um sentimento inconsciente de culpa, e consequente menos valia, tal qual se observa no relato a seguir: "*eu não sou bonita, e nem o suficiente pra ninguém, eu sou idiota, e tudo que uma garota não quer ser... me sinto culpada por isso, e desconto tudo em mim... isso tá me matando aos poucos...*" (A23).

Com relação à atribuição de valor, destaca-se aqui o valor do reconhecimento, que o corpo adolescente passa a ter frente à necessidade de ressignificá-lo. Sabe-se que quando os elementos que na infância foram suporte corporal não estão presentes, como parece ser o que nos conta o depoimento acima, a ausência deste suporte não lhe dá condições de se situar frente a seu desamparo corporal, de forma que a pessoa se identifica com esta menos valia que vivencia, e salienta aspectos que caracterizam uma falta em seu ser (idiota, feia, fraca, erro, peso). A partir do momento em que passa a se representar desse modo, presentifica a perda e a dor: *"quando minha mãae descobrio me chamou de louca e essas coisa. ... acabou qe ela escondeu tudo qe tinha ponta e lamina na casa; e pra aliviar a minha dor psicologica eu me batia me arranhava; me enforcava"* (A16).

Outro aspecto que também é importante considerar, por sua persistência nos relatos, é uma angústia diante de um excesso, quando vivencia excessivamente alguma situação da qual não encontra saída: *"... comecei por não agüentar mais ver as brigas diárias dos meus pais. ... e eu via isso tudo, sem ao menos poder falar nada! E a maneira que eu vi de aliviar tudo que eu via, sentia e passava foi infelizmente me cortar!"* (A22).

Situações como estas são constantemente relatadas nestes depoimentos, em que as depoentes aludem à angústia como o afeto que permeia estas vivências. A impossibilidade em deter um afeto excessivamente experimentado, sem sentido e sem ordenação, é descrito por Freud (2006e, 2006f) como angústia: estado afetivo que sinaliza uma ameaça de perigo frente a uma condição de desamparo psíquico.

Então, o que se destaca é a presença de um afeto desagradável, intenso e persistente, a partir do qual as depoentes tentam aliviar produzindo cortes. Mas porque a sensação de dor física aliviaria a dor psíquica?

Pode-se supor que, sem a possibilidade de livrar-se da dor psíquica e da angústia, e não tendo uma via de elaboração para assimilar os excessos afetivos

provenientes de suas vivências, a produção de cortes torna-se a possibilidade de saída desse sofrimento: *"o primeiro corte a sensação q eu tive foi maravilhosa, conforme eu ia me cortando a angustia passava ... e sempre qdo me estrassada, ficava decepcionada, frustada com raiva me cortava para aliviar a angustia"* (A19).

2. ALTERIDADE E SOLIDÃO

Ao contar suas histórias, destaca-se a forma como as adolescentes relatam vivenciar as relações familiares e entre pares, deixando entrever que uma série de dificuldades no estabelecimento e manutenção dessas relações é diretamente proporcional à necessidade de produzir cortes no próprio corpo. Parecem enfatizar os desencontros na relação com o outro, um descompasso entre aquilo que a pessoa é e a expectativa que ela acredita que o outro tenha em relação a ela.

> Meus pais viviam brigando, pois ele é viciado, ... cheguei ao ponto de não suporta e tentei me matar inúmeras vezes, ... ate briguei com ele peguei uma faca pra mata-lo, pois pra mim não faz diferença se ele esta vivo ou morto, brigamos feio ele me bateu fiquei toda roxa também bate nele cortei sua face e braços todo com minha unha, depois disso sai de casa e disse pra minha mãe 'eu só volto quando ele sai. E a senhora vai ter que escolher eu ou ele'.... Infelizmente ela preferiu ele, mas pois ele pra fora de casa assim eu voltei. (A27)

Desse modo, em meio a situações de brigas, desentendimento e também separações, estas jovens contam que a relação com os pais e entre os pais tem implicação direta com o peso que a vida passa a ter. Nesse último depoimento é significativo que ela tenha literalmente cortado o seu pai, numa batalha corpo a corpo, e depois também estabelece outro corte ao pedir que ele saia de casa. Ainda que não se tenha elementos suficientes para analisar os efeitos disso em cada caso, e nem é este o objetivo proposto, pode-se supor que o estabelecimento de relações excessivamente carregadas de desentendimentos, tendem a produzir um nível de tensão no corpo que beira o insuportável.

Através dos relatos, estas adolescentes sinalizam que não podem contar com os pais para a contenção ou tentativa de elaboração disso, já que eles fazem parte e inclusive estão muitas vezes na base do que causa esse aumento de tensão. Na adolescência, em meio ao percurso de construção de uma imagem própria e de sentidos de viver, em que as bordas corporais e o funcionamento pulsional precisam ser rearranjados (RASSIAL, 1999), o que se observa em muitos relatos são vivências que dificultam sobremaneira este processo de construção: *"olha eu não aguento mais*

... e me corto pois me sinto rejeitada ninguem gosta de mim nem minha propria família ... minha mãe ja falou pra mim que era pra mim ter morrido no lugar da minha irmã". (A4).

Em se tratando de um processo relacional, a qualidade das vivências familiares e a proporção de distanciamento, a ausência e a solidão também vivenciados como abandono, têm relevância e consequências fundamentais para essas adolescentes uma não-relação com a figura paterna e tudo o que essa figura comporta na construção da identidade:

> comecei a me cortar aos 11 anos, parecia que meu mundo estava no fim, meu pai me abandonou quando recém nascida e quando tinha 10 apareceu 2 ou 3 vezes ... Ele sempre arranjava uma desculpa para não me ver de novo e aos 11 anos me xingou e brigou muito comigo, disse coisas que magoaram profundamente, como por exemplo que ele me odiava, que nunca queria que eu tivesse nascido .... (A31)

Sabe-se que a função paterna tem uma importância fundamental na constituição psíquica. Sua presença no desejo da mãe viabiliza que a criança perceba uma falta, tanto na mãe quanto nela própria, que vai possibilitar a ela sair da condição de complementar à mãe, numa relação dual, e passe, então, a conceber o falo enquanto referência simbólica da falta. Assim, o pai cumpre uma função, circunscreve um limite, e as próprias adolescentes destacam que esta ausência não é sem consequências.

Além destas dificuldades na relação com os laços parentais, outro assunto bastante abordado refere-se a dificuldades na constituição de laços e nas relações com os pares. Sabe-se que na adolescência o sujeito se abre para a vivência com amigos, com os quais se identifica, e novos laços vão se constituindo fora de casa, a partir dos quais o adolescente pode construir novas referências. Porém, nos depoimentos as vivências relatadas parecem designar justamente o contrário, ou seja, uma não-referência e uma não-relação. Por não encontrar uma forma própria de sair ou lidar com a situação vivida com os pares, algumas contam terem recorrido aos pais, na tentativa de que eles intercedessem por elas:

> Este ano, um aluno que era novo na escola em que eu estudo começou a me zuar, e por causa dele, logo em seguida, a escola toda estava me agredindo.... Não tinha coragem de contar para os meus pais, mas tive que conversar com meu pai sobre o assunto. Ele foi até a escola falar do problema, e os meninos que fizeram isso comigo foram transferidos, mas o vazio que eu sinto ficou. (A9)

> Eu comecei a me automutilar no final do ano passado, tudo começou em 2008 quando comecei a sofrer bullying.... Em 2009 os episodios de bullying continuaram até o meio do ano, até que aconteceu uma coisa

> grave e meus pais acabaram descobrindo e foram na escola reclamar e desde então esses episodios pararam, mas dai começou o cyberbullying... (A18)

Neste último trecho, A18 conta ter sofrido por mais de um ano, sendo necessário que algo grave ocorresse para que seus pais tomassem conhecimento. Assim, pode-se perguntar sobre o tipo de olhar que esses pais dirigem à filha, o que houve nesta relação que, apenas diante de algo maior, puderam ver o seu sofrimento e buscar ajuda em seu nome. A maioria destas depoentes relatam dificuldades no estabelecimento e manutenção de laços, e desencontros entre aquilo que elas esperam do outro e o que de fato acontece.

Para o adolescente, a representação de si e de seu corpo não é desde sempre reconhecida como própria senão que emerge de uma construção a partir da relação com o outro parental – é na relação com a alteridade que se constituem as bordas, os limites corporais e que darão contorno ao seu psiquismo. Por isso, a consistência dos laços e das relações estabelecidas neste período é tão importante.

No auge da constituição de seu corpo e de sua subjetividade, estas adolescentes demonstram uma dificuldade em situar-se, em identificar-se e também de serem reconhecidas neste processo (MATHEUS, 2008).

Sobre esse aspecto, lembremos com Freud (2006b) sobre a estranheza que a imagem do próprio sujeito lhe causa, e que, pelo convívio diário consigo próprio, deveria ser tão familiar. O reconhecimento de si passa por aquilo que é estranho em seu próprio corpo, e que muitas vezes é noticiado através do olhar que o outro – os pais e/ou os pares – dirige ao adolescente.

Neste sentido, Corso e Corso (1997) salientam que

> a operação própria da adolescência é a agonia e morte dos pais reais enquanto suporte do ideal. A desidealização dos pais, sua consequente queda da posição de amantes, amados e alicerces, deixa o sujeito frente aos seus pais reais, que obviamente ainda estão ali, numa posição de estranhamento (p. 2).

Sabe-se que o corpo infantil, outrora outorgado e instituído com a ajuda dos pais, precisa ser reconstituído na adolescência. Porém, se antes contavam com a primazia dos pais, agora tendem a buscar os pares para confirmar o seu novo *status,* frente à posição sexuada a que uma adolescente é chamada a ocupar.

Assim, face a necessidade de construção e reconhecimento de uma nova imagem de si, a adolescente engajada numa posição feminina tende a buscar no olhar do outro uma possibilidade de olhar-se, através de parâmetros socialmente definidos;

a forma como o olhar do outro incide em seu corpo faz dos familiares e amigos uma espécie de espelho, testemunhando-lhes seus atributos corporais (RASSIAL, 1999).

No entanto, o que se observa nos depoimentos sobre escarificação é que, muitas vezes, o olhar que lhe são destinados revelam uma inquietante imagem negativa de si:

> ... meus pais toda hora reclamam de mim, todos os dias tem uma briga ou uma reclamação. E eu me sinto um lixo porq eles realmente estão certos, eles são bons pais e eu me odeio por não ser a filha que eles merecem, e o pior é que ainda tem o meu irmão que é exelente em tudo e acaba aparecendo as comparações e isso me incomoda demais, ... (A18).

> Sofro muito pois minha mãe é a minha pior agressora eu sou tipo a feia da familia sabe? Minha mãe se envergonha de mim ela nunca me leva a nenhum lugar porque sou gorda já sofro com tudo isso á 3 Anos. (A7).

Desse modo, no que concerne às comparações apontadas nas postagens, é possível verificar aspectos que esbarram em seus processos de identificação: primeiramente, a idealização de um corpo e de uma forma de ser adolescente que elas não conseguem acessar, como se não houvesse uma correspondência entre a imagem idealizada e a que vivenciam no próprio corpo, de modo que passam a ter uma representação insuficiente de si própria (FREUD, 2006c). Este aspecto imaginário da construção do corpo e que dá contorno a uma identidade própria, é um aspecto importante a ser buscado pelas adolescentes.

Além disso, outra vertente é o descompasso entre a imagem de boa filha e a posição que elas acreditam ocupar na relação com seus pais. Se, por um lado, é preciso deixar cair esta imagem, que teve sua construção iniciada na infância e que a adolescência vem agora questionar, por outro é preciso que ela seja suficientemente consistente, passível de recorrência enquanto a imagem futura não vem.

Assim, tendo que se reapropriar do próprio corpo, de uma imagem de si transformada, ocorre tanto uma desorganização como uma reestruturação da adolescente como um todo, já que a puberdade abre novas possibilidades e arranjos no âmbito social e sexual, num processo que não é linear e tampouco progressivo.

Por isso, enquanto essa passagem adolescente ocorre, é importante poder recorrer à imagem de outrora. Porém, na medida em que não encontram suporte imagético e nem simbólico, ou seja, quando afirmam não se acharem interessantes diante dos pares, ou ao não se reconhecer como boas filhas, aparecem dificuldades na construção dessa autoimagem, como o que se segue: *"Teve um período ... que muitos amigos se afastaram de mim, simplesmente me trocaram e os novos que fiz também se*

afastaram. Eu comecei a me odiar, me achar a pior pessoa do mundo, não sabia o que fazer..." (A31).

Um aspecto relevante e que provavelmente tem relação com as dificuldades de encontrar suporte para a construção adolescente, como apontado acima, refere-se à solidão presente em suas experiências. A maioria delas faz referência à família e amigos, mas a despeito disso, destacam que estas vivências são constituídas por laços pouco consistentes: *"... procurei durante muito tempo uma pessoa para ficar ao meu lado e que realmente pudesse me ajuda. Era sempre a mesma coisa, nunca consegui ninguem".* (A21). Ou ainda: *"... quando chegou próximo ao meu aniversário, eu chamei toda a turma para fazer parte, mas ninguém apareceu. A partir disso, comecei as mutilações, pois não me sentia mais importante para ninguém".* (A9).

Neste ponto, considera-se importante articular tais aspectos metapsicológicos da passagem adolescente com o contexto contemporâneo, em que nos deparamos com o enfraquecimento de referenciais simbólicos, inconsistência e fugacidade dos laços sociais e exacerbada valorização do corpo. Savietto e Cardoso (2006), ao tratar sobre a adolescência e o ato, destacam importantes consequências para o processo da adolescência na contemporaneidade, vivido mediante um forte desamparo e pouco investimento no futuro, cujos principais impactos são a prevalência da agressividade e da satisfação narcísica, imediata.

Estes aspectos também se observam nos depoimentos aqui analisados. Ao se referirem à falta de apoio, afastamento e distanciamento, é possível pensar que estas vivências, descritas como solidão, fazem menção a um desamparo psíquico. Enfatiza-se um tipo de relação em que algum atributo do sujeito é desfavoravelmente realçado pelos pares, como se a pessoa fosse representada por este atributo e nada mais fosse então reconhecido. Não sendo reconhecido pelos outros, deixa também de ser valorizado pelas próprias adolescente, que a partir disso relatam se sentirem sozinhas. Assim, pode-se observar que alguma complicação no estabelecimento desses laços preexistia à produção de cortes e os mesmos acabam por tornar-se um refúgio, consequência de toda essa fragilidade.

Ora, diante de laços sociais frágeis e fugazes e sendo a adolescência um tempo em que tais laços são referências para sua constituição corporal e identidade, seria necessário pensar quais as consequências para o adolescente que psiquicamente se estrutura mediante esses vínculos atuais. Pensando nesses aspectos, talvez seja possível compreender porque tantas adolescentes referem falta de apoio e amizade:

"... estava desesperada, queria realmente me matar, ... procurei um grande amigo e lhe contei o que fazia, ... ele se mostrou preocupado, mas... ele esqueceu. Minha mãe não sabe e mais ninguém, escondo o máximo que posso" (A27). *"Sinto como se todos estivessem se afastando aos poucos de mim, e a lâmina, hoje em dia, costuma ser a minha melhor amiga"* (A28).

Que tipo de laço se estabelece, se o grande amigo que escuta é o mesmo que esquece? Ou quando o melhor amigo passa a ser um objeto concreto? Diante de um estado de desamparo, e sem o apoio parental necessário, referir-se à lâmina como melhor amiga representa que este objeto ao menos testemunha seus atos e está presente nos momentos em que encontra alívio; por isso, esse instrumento de corte passa a ser valorizado.

Diante de uma falta de entendimento de si e dos outros, de um distanciamento interposto entre estas adolescentes e seus pares, vai se produzindo afrouxamento e ruptura de laços, que por vezes já não eram tão consistentes, no que se refere à necessidade de reconhecimento, identificação e elaboração subjetiva. E o que se encontra nos relatos são o afastamento e a necessidade de se esconder. Outra face dessa mesma moeda, por outro lado, é *gritar* a dor psíquica dando a ver os cortes, como nos seguintes trechos: *"Unica coisa que eu preciso e de ajuda, MAIS NINGUÉM se importa comigo ... esses dias eu me cortei na escola, sai com o braço sangrando e ninguém percebeu..."* (A23); *"o ruim é que ela não vê que faço isso por me sentir sozinha ..."* (A35).

O que querem mostrar através dos cortes? Ou ainda, o que querem esconder? O que a produção de cortes significa, do ponto de vista da alteridade? Para além do alívio produzido no corpo, talvez comporte o desejo de ser capturado pelo olhar do outro, ressaltando a importância e a necessidade da alteridade.

3. Escondido?

Este subtítulo comporta uma interrogação, que surge na medida em que a leitura dos depoimentos denuncia um ato realizado às escondidas, e ao mesmo tempo em que se afirma ser escondido, aparece uma necessidade de fazer-se ver, realizada através da exposição de um texto sobre o corte. O que elas querem que seja visto? O depoimento a seguir relata: *"tudo que eu queria era que alguém percebesse, eu não quero contar isso pra alguém (eu nem consigo mesmo), eu quero que percebam o*

quanto eu estou mal" (A23). Ainda que denuncie seu mal-estar de uma forma vaga, ela faz notar que, se por um lado quer se calar em relação à produção de cortes, por outro quer que as pessoas percebam que algo não vai bem.

Aquilo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz, parece-nos relacionar-se com a dimensão do *unheimlich* freudiano, servindo para nos ajudar a compreender essa estranha contradição entre esconder e deixar entrever os cortes produzidos no corpo. Freud assinala que "o estranho provém de algo familiar que foi reprimido" (FREUD, 2006b, p. 264), e estas adolescentes relacionam a dor psíquica e a culpa com o ato de infligir cortes, encontram alívio ao realizá-lo; fazem escondido por medo ou vergonha, mas acima de tudo, para continuarem fazendo.

Parece contraditório, mas o estranho é que o *escondido* do ato de cortar-se acaba falhando, de modo que, em algum momento, aquilo que estava escondido começa a aparecer e se tornar familiar: *"No começo nao contei pra ngm, depois de 2 meses contei pra minha melhor amiga, ela me ajudou demais, ... logo dps tava todo mundo sabendo..."* (A11); ou, *"É difícil esconder os cortes de todos, vivo de casacos e calças até mesmo em dias quentes, e quando me perguntam o porque de eu estar vestida assim, eu apenas digo que é costume e dou-lhe as costas."* (A28).

Deste modo, a realização dos cortes ocorre de forma solitária e oculta, mas nos trechos acima o que se revela é que aquilo que ela esconde, ela mesma deixa entrever ao narrar seu ato para uma amiga, ou ao colocar roupas de frio em dias de calor, de modo que sua necessidade de esconder surge mais como uma necessidade de aparecer. Quando revelam seu ato de produzir cortes, geralmente confiam esta informação a alguém de quem elas acreditam receber compreensão e que, talvez, não sejam julgadas.

Assim, na iminência de um julgamento moral que assinale algo pelo qual ela já se condena e todo o desconforto que esta situação imprime é que a jovem encobre a realização dos seus cortes. É pela dificuldade em lidar com o próprio sentimento de culpa e a reação das pessoas, que geralmente elas escondem as marcas deixadas pela escarificação. Mas por outro lado, por trás de todo este movimento de se esconder, existe uma necessidade de revelar algo que nem elas mesmas compreendem, um mal-estar que insistem em fazer desaparecer a cada novo corte, mas que insiste em voltar. Enquanto, a cada retorno, nenhuma elaboração se produz, resta o alívio dos cortes. Alívio a partir de uma dor física? É o que se verá a seguir.

4. Repetição e Alívio

Este eixo temático será introduzido a partir de um trecho que menciona o início dos cortes, a forma e a intensidade com que os mesmos são produzidos:

> faz 2 anos que me corto, tudo começo com uma simples experiencia. fiz apenas 1 corte fraquinho. doeu muito. só que apartir desse dia, cada coisa que me chateava, eu fazia 1 corte, nao demoro muito pra começa com 2, 3 ,4,5 ...e quando enchi os braços... começei a fazer menas quantidade. mas eles eram mais fundos. e cada vez mais fundos. ate ver o meu sangue escorrer no braço, como uma gota de lagrima que escorre o rosto quando chora sabe? mas no meu caso, era o sangue no braço que escorria. Hoje nem isso mais me satisfaz! hj faço muitos cortes e fundo. e varias vezes em 1 dia. pois ver o sangue escorrer ja nao esta mais sendo o suficiente. (A6)

Partindo deste depoimento, o ato em si é o que inicialmente será destacado. Cortar-se, a princípio, pode ter início em função de uma curiosidade, "*uma simples experiência"* (A6). Ou, como já mencionado anteriormente, pode ser precedido por algo que promove dor psíquica, angústia ou até raiva. Seja como for, uma vez tendo produzido um primeiro corte, o que se segue é uma série de novos cortes, desta vez já atrelada a uma experiência de satisfação, ou seja, de diminuição de tensão, e que justamente por isso os cortes tendem a ser repetidos. Mas o ato, ao se repetir, já não ocorre mais do mesmo jeito. Elas afirmam produzir cada vez mais cortes, ou cortes cada vez mais profundos, ou ainda em regiões diferentes do corpo, fazendo notar que, cada uma a seu modo, vai produzindo uma forma ritualizada de cortar-se: *"Sim é viciante ... corto minhas pernas, braços, pulsos e até minha barriga. ... toda vez que acontece algo faço mais de 10 cortes em todos os lugares que eu disse acima, eu queria parar mais eu não consigo..."* (A10-1).

Assim, o que se pode observar, em muitos trechos, é que no decorrer do tempo a frequência e a intensidade dos cortes toma proporções maiores. Há casos em que a pessoa relata um aspecto quanto à forma como se corta: *" tenho mania de me cortar e quando vejo q está querendo sarar e me corto outra vez no mesmo lugar... sei que é errado mais não quero parar pq me sinto aliviada quando faço isso"* (A17). Neste depoimento parece que o destaque está no entalhe em si, na cicatriz que não pode sarar, numa marca que é sempre refeita. O que se marca através desses cortes? O que existe por trás da insistência em reincidir uma marca? Através destes elementos, o que se pode observar é que a motivação, a intensidade e a forma como as várias pessoas realizam a escarificação podem ser muito distintas umas das outras. Porém,

geralmente uma pessoa adota para si um modo específico de cortar-se, como se o ato fosse se moldando num certo ritual.

São muitos os depoimentos em que as depoentes parecem ressaltar a dificuldade em compreender a insistência da vontade ou necessidade em cortar-se, como, por exemplo, nos seguintes relatos: *"Sofro de TB, AM e depressão, ja tomei vários remedios, mas sempre acabo em recaidas, parece que em algumas horas eles não fazem efeito algum"* (A30); e *"... já fiz vários exames, porem nada funcionou. ... é mais ou menos como se eu fosse totalmente vazia, as vezes fico deprimida, ..."* (A27).

Ao fazer menção às recaídas, ou ainda ao fato de que *"nada funcionou"* (A27), é possível perceber que, às vezes, a repetição desse ato fica concebida mais como uma falha da medicação do que algo intrínseco ao movimento do sujeito que se corta, distanciando a possibilidade de se encontrar com a própria interrogação. Numa direção semelhante a esta, outra explicação recorrente para a repetição de cortes é concebê-lo como vício: *"... achei q iria parar quando tivece vontadad mas dpois d um tempo virou um vicio e ja se passaram 5anos e eu ainda n consegui parar..."* (A12). Ou ainda: *"Esse negocio de automutilação pra min ja esta virando vicio, a cada dor q sinto tenho mais um corte nas minhas pernas"* (A24). Aqui se verifica que a concepção de vício justifica o caráter repetitivo e a impossibilidade de controle do ato, que passa a regular a vida do sujeito, pois se rende aos cortes, como uma forma de contenção e alívio: *"Geralmente faço isso quando to triste ou com raiva... Eu to vivendo no mundo de limites :/ , tenho medo de ser magoada , de ter raiva , de ficar só , de escuro :// É HORRIVEL ¬¬"* (A2).

Sobre este *"mundo de limites"* (A2), esta postagem parece mencionar que as proporções das emoções e afetos se estendem além do que pode suportar, de modo que a produção de cortes culmina justamente em impor um limite, ao frear e aliviar a tensão. Portanto, é possível afirmar que a escarificação é um ato consciente e intencional de provocar contenção e alívio para aquilo que elas não conseguem lidar.

Com base nas concepções de Freud (2006a, 2006c) acerca da repetição, pode-se pensar na escarificação como um curto-circuito, que não se limita apenas ao ato de cortar-se, mas numa diminuição de tensão a partir desses cortes, de modo que o movimento se inicia com um aumento de tensão no corpo, a partir de algum evento que dispara um afeto (uma lembrança, um pensamento e/ou um ato ou situação concreta), do qual a pessoa acredita não conseguir lidar, ou mesmo insiste em não

querer lidar. E então imprime um corte em sua pele, que por ocasião deste ato freia ou inibe a insistência do afeto disparador, num alívio momentâneo, até que o afeto retorne, fazendo (re)iniciar a produção dos cortes.

O corte produzido faz sangrar e resulta numa dor corporal, e esta sensação física parece disfarçar a presença do afeto (raiva, medo, dor, angústia), pois, se de fato o eliminasse, como muitas vezes elas acreditam, ele não retornaria. Mas a sensação física do corte, naquele momento, consiste ao menos numa espécie de trégua, faz a dor parecer distante, na ordem das sensações. Talvez seja por isso que, em muitos casos, as jovens afirmam não querer parar, já que deixar de se cortar seria, para elas, ficar frente a frente com o afeto desmedido: *"... porque se não fosse pelos meus cortes ... eu estaria muito mal com tudo que anda me acontecendo, ah sei lá!"* (A22-2). Ou ainda: *"... eu tenho o prazer de ver meu sangue descendo pois e nessa hora que eu esqueço de tudo que esta acontescendo das angustias, das rejeição do fato de ter nascido"* (A4).

Neste último depoimento, a jovem faz referência ao prazer de ver o sangue escorrendo. Num primeiro momento, ler esta frase poderia remeter a uma espécie de masoquismo, de alguém que encontra prazer na dor. Mas, continuando a leitura, ela refere justamente a conseguir escapar de sentimentos desagradáveis na medida em que a sensação física opera; portanto, o prazer parece estar relacionado mais ao alívio e esquecimento destes afetos do que, necessariamente, à dor física produzida. Pode ser até que exista algum tipo de prazer na produção destes cortes, não se pode desconsiderar tal possibilidade, mas ainda que ela exista, nesses casos está bastante atrelada à diminuição e/ou escansão da tensão.

Além disso, o prazer pode estar relacionado à tentativa de controlar a dor psíquica e a angústia através do ato de cortar-se, tal qual narrou Freud (2006c) no texto "Além do princípio do prazer" sobre o jogo do *Fort Da*. A brincadeira, produzida pelo neto de três anos, consistia em fazer desaparecer um carretel (*fort*) e reaparecê-lo (*da*), atuando de forma ativa e controlada a mesma angústia que o menino sentia quando sua mãe se ausentava. Esta observação constitui um dos exemplos destacados pelo autor para compreender a função do desprazer na economia libidinal, e que também pode explicar a premência dos cortes produzidos por estas adolescentes.

5. Destino das Postagens

Considera-se relevante o ato de postar uma mensagem sobre a própria produção de cortes, pois talvez esta seja uma maneira de confirmar a necessidade de dar a ver aquilo que fica escondido no momento em que se corta. Várias postagens confirmam que o relato tem uma destinação, ou seja, que foi escrito para ser lido, que sua história foi redigida para ser compartilhada: *"Muito obrigada à dona desse blog, que deu a oportunidade de muitas pessoas dividirem seus problemas, você com certeza aliviou muitos corações"* (A26); *"Espero que os que se cortam aqui tenham a sorte de não cair nesse buraco sei saída que eu estou e se caírem que tenham gente (o que eu não tenho) para tirarem vocês"* (A10-1).

Todos os depoimentos selecionados para a realização desta pesquisa foram postados em blogs, cujas postagens em sua maioria se destinavam à dona do blog, bem como a outras adolescentes que também praticam a escarificação: *"À todos que compartilharam sua história aqui, vocês deveriam sentir orgulho de si mesmos, por terem coragem de abrir-se e falar sobre seus problemas. É essencial saber, que em meio à todo o sofrimento, você não está sozinho..."* (A26).

Muitas delas destinam suas postagens a outras pessoas que fazem uso dessa prática, onde, além de contar suas histórias, as adolescentes exprimem um desejo de colaborar com outras leitoras, numa insistência para que elas desistam de realizar a escarificação: *"Espero que vocês que estão aqui não façam mais isso, é PÉSSIMO! Você faz uma vez e depois não consegue parar mais, ... Quero ser mais forte do que eu consigo e espero que todos vocês sejam também"* (A3); *"o que eu mais queria e tirar essa coisa ruim que me impede de continuar viver. Desejo toda a sorte do mundo para nós, pois só quem passa por isso sabe que não é fácil"* (A15).

O trecho seguinte se destina especificamente a alguém da qual a jovem obtém ajuda, afirmando que, através deste laço de amizade, sente alguma melhora com relação à escarificação, e, ao mesmo tempo, destina-se àqueles que, por algum motivo, ela sentiu que não estavam contribuindo para sua melhora: *"Há sim alguém que me ajuda, e esse alguém é a carol. ... Ou seja, se você não sabe da vida de uma pessoa, não sabe por que se corta. FIQUE CALADO, que é o melhor que você faz"* (A34).

Muitos trechos revelam que a postagem foi inserida na internet para viabilizar um pedido de ajuda: *"Eu queria muito q vc mandasse uma resposta para o meu e-*

mail ou qualquer coisa parecida pq eu preciso muito de ajuda" (A24). Ou ainda, *"Visitando sites e sites, encontrei esse aqui, li os depoimentos e achei que poderia dizer o meu, o porque de fazer isso, e finalmente poder pedir ajuda, mesmo que virtualmente."* (A21).

Neste último depoimento, fica explícito que o pedido de ajuda é tanto para dizer o que se passa consigo própria como para tentar compreender algo mais sobre a fenomenologia da escarificação. Assim, ao solicitar, ou mesmo ao oferecer ajuda, estes depoimentos são remetidos a outrem. A ênfase nesse aspecto é porque esta destinação das postagens parece confirmar que o ato de se cortar, que se realiza às escondidas, também tem uma destinação. Sem poder compreendê-lo, ele é feito para ser compreendido, como pode ser lido na postagem a seguir:

> Já vi garotas que passam pela mesma coisa do que eu, mas nunca tive coragem de chegar e perguntar os motivos, seria bom conversar e tentar entendê-las pelo menos. Estou há duas semanas sem me cortar, ou seja, estou lutando ao máximo contra o meu controle, às vezes ocorrem recaídas, mas… Vocês sabem bem como é. Dói demais, mas ninguém precisa saber... Ninguém entende, e por mais que eu tente explicar, sou taxada como "maluca". Obrigada pela atenção, e espero que todas(os) nós possamos enfrentar isso tudo e vencer esse grande desafio! (A28)

Ao mesmo tempo em que diz no depoimento que *"ninguém precisa saber"* (A28), escrever e postar é um ato que denuncia justamente o contrário. No momento em que escreve seu próprio depoimento, a jovem dá atenção à sua história. Além disso, já antevê que sua postagem será alvo da atenção de leitores, que neste caso ela supõe que sejam outras pessoas que se cortam, e antecipadamente agradece este tempo disponibilizado. Encontra-se aqui mais um elemento que enfatiza a destinação da mensagem e a importância de compartilhar sua história com pessoas que lhe dão atenção.

No depoimento a seguir, A30 afirma expressar sua verdade no texto que redige, e descreve um sentimento de felicidade por poder revelá-la. De acordo com suas palavras, esta revelação foi possível por acreditar que sua mensagem será lida por pessoas com as quais pode conversar, destinando o seu relato, especificamente a estas pessoas:

> É difícil conversar sobre isso com as pessoas, porque a maioria delas nunca entende e acabam julgando você antes de saber dos seus motivos por traz do ato. Fico muito feliz por poder expressar o que de verdade sinto aqui, por que sei que as outras pessoas assim com eu sabem o que é se sentir perdida no escuro e não ter pra onde correr e a quem recorrer. (A30)

Ao mesmo tempo em que revela a felicidade em falar sobre o que de fato se passa, o que ela entende ser a motivação para seu ato, revela também sua dificuldade em realmente se situar em meio a este fenômeno. Porém, ao menos, através deste escrito, já se autoriza a falar sobre esta série de elementos.

6. Tentativas e Saídas Possíveis

Além de redigir um relato próprio e postá-lo na internet, algumas jovens contam, através de seus depoimentos, algumas outras tentativas de entender e também de lidar com a escarificação. Na eminência de buscar informações e compreender o que é a escarificação, algumas adolescentes recorrem à internet: *"Resolvi procurar sobre esse assunto hoje, como não sabia o nome que isso tinha comecei a colocar no google coisas como 'a alguma doença para pessoas que se machucam de proposito' entre outras coisas até achar o seu blog."*(A8); *"... não conseguia me controlar nem por segundos, mais hoje consigo me controlar bem mais, ... só estou assim hoje pelos sites que fazem falando sobre essa doença que nem todos sabem que existe mais que muita gente sofre."* (A22).

Deste modo, estas jovens revelam que a internet tem sido um meio pelo qual elas procuram informações sobre escarificação. De acordo com estes relatos, a internet, muitas vezes, é o único meio através do qual elas encontram alguma forma de ajuda. Observa-se também que muitas delas referem-se à fé em Deus como um recurso contra a vontade de escarificar-se. De acordo com seus relatos, pedem ajuda a Deus, que lhes dê forças para enfrentar os problemas: *"Quero muito sair dessa, peço forças a Deus todos os dias, pra sair dessa, e confio nele, que um dia eu saia."* (A2). Ou, *"Eu adotei o saudável hábito da oração. Oro todo o tempo. Sempre agradecendo à Deus por estar viva, e pedindo que me dê forças para permanecer forte durante mais um dia."*(A30).

Ao mencionar que precisa de força para não ter vontade de se cortar, ou ao pedir a Deus que permaneça forte, elas revelam suas tentativas de se ajudarem através do exercício de um controle. O que será que elas precisam controlar? No depoimento abaixo, revela sentir algo que precisa ser controlado, mas em função disto que não controla ocorrem recaídas, das quais é preciso exercer uma luta diária:

> ... com e fé e força de vontade tudo se consegue, mesmo quando você mesma não acredita nisso, e que não importa quantas recaidas você tenha – eu mesma ja tive várias- o importante é continuar tentando se reerguer e contar com as pessoas que nos amam, porque sim elas existem, mesmo quando não conseguimos enxerga-las. ... nós somos milhares numa luta diária, contra nossos impulsos e contra os preconceitos..." (A30)

Atentando-se às suas palavras, ela ressalta que a "*luta diária"* precisa ser realizada contra dois fatores: o preconceito e os impulsos. Com relação ao preconceito, se pode retomar os comentários anteriores que versam sobre o sentimento de culpa e o julgamento moral. No que tange aos impulsos, pode-se observar que esta adolescente se refere à intensidade de seus afetos, que pelo excesso pulsional, se fazem ainda presentes; enquanto não houver inscrição e elaboração psíquica para os mesmos, provavelmente a insistência em retornar continuará ocorrendo. Observa-se que estas referências à necessidade de lutar, enfrentar e fazer esforço dizem muito mais sobre uma tentativa de controlar o impulso de cortar-se do que das dores e afetos desagradáveis que estão por trás desta urgência dos cortes. Assim, pelo abafamento destes afetos, a tendência é de que estas tentativas provavelmente acabem, mais uma vez, em recaídas.

Outra tentativa de ajudar-se, conforme o conteúdo das postagens, é revelar o seu ato de cortar-se para uma pessoa de confiança, ou seja, contar com alguém que a jovem supõe fornecer apoio e atenção é um recurso frequentemente relatado, como no depoimento a seguir:

> eu tento parar e meu namorado me apoia ja q ele é o unico q sabe mas n ta sendo facil pq qualqr coisa q me deiche mal eu ja perco o auto controle! mas eu n vou desiti d me curar sozinha e se n der eu vou ter q acabar contando a minha familia e espero q eles me entendam... (A11)

Algumas vezes contar sobre o ato de escarificar-se para uma pessoa de sua confiança é uma tentativa de lidar com a situação sem ter que envolver a família. Não é possível saber exatamente, somente pelo conteúdo das postagens, o que e como contam, se ao contar sobre o ato conseguem expressar também os afetos a ele relacionados. Portanto, contar pode ser somente uma via de alívio momentâneo da angústia, tal qual a escarificação, mas também pode ser uma possibilidade de abertura aos afetos que incomodam e estão, geralmente, por trás do ato.

No trecho a seguir a jovem revela que uma saída para a escarificação foi aprender a falar sobre seus incômodos. Neste caso, uma vez que através da fala foi possível aliviar e dar uma direção à tensão, a escarificação já não se fez mais tão necessária: *"Hoje eu ainda sinto a necessidade de me cortar mais não faço mais isso,*

me tornei mais forte hoje sei me defender retrucar uma ofensa, a última vez que me queimei foi a uns meses mais estou conseguindo." (A14).

Outra adolescente conta que o afastamento de pessoas que lhe faziam mal e a escrita foram algumas alternativas à produção de novos cortes:

> terminei com meu namorado, pois se ele não me ajudava não podia me fazer ficar pior. comecei a fazer terapia e consegui me controlar um pouco a vontade ainda é mta é como se fosse um viciu, agora qdo fica nervosa procuro ouvir uma musica q eu gosto, escrever o que to sentindo e depois rasgar ou queimar o papel, é uma forma de vc descontar tdo sua raiva e angustia, sem ser em vc mesmo, mudei a 2 meses não me corto... (A19)

Assim, ela revela que a escrita é um recurso através do qual consegue organizar e expressar seus sentimentos, bem como encontra alívio para sua angústia. É que a escrita pode promover a contextualização da cena, a expressão de pensamentos e sentimentos, que passam a adquirir forma, através da palavra escrita. A música, a qual a adolescente também se refere, pode ter esta mesma conotação de ser um texto organizado que, mesmo tendo sido escrito por um compositor que não a própria adolescente, esta pode se identificar com a voz, as palavras e/ou sentimentos manifestos na letra da música, fazendo dela o seu modo de expressão.

Ainda neste depoimento, A19 também faz referência à terapia, através da qual ela afirma ter obtido alguma ajuda. Provavelmente porque a terapia constitui-se num espaço em que é possível falar sobre suas questões, e que o julgamento e afastamento do outro pode não entrar em cena. Porém, o recurso à terapia parece não ser tão usual, já que as adolescentes geralmente dependem financeiramente de seus familiares e, na maior parte dos casos, a família não sabe sobre a ocorrência deste fenômeno.

Deste modo, o que se observa nos depoimentos aqui investigados, é que algumas jovens encontram outros recursos para a tentativa de elaboração de suas dores e angústias através da escrita, de músicas, ou mesmo falando sobre seus incômodos. Todos esses recursos, diferentemente da escarificação, promovem abertura simbólica e podem favorecer a elaboração psíquica destes afetos.

Porém, observa-se que a maior parte das alternativas para a escarificação tem se baseado no controle do impulso e, nestes casos, geralmente deixa-se de levar em conta as motivações (inconscientes) que culminaram na realização do ato. Parece que, enquanto os afetos que desencadearam a produção dos cortes não tiverem inscrição psíquica, enquanto eles insistirem e encontrarem o psiquismo fechado, as tentativas de controle tendem a ser cada vez mais necessárias, porém, sobretudo fadadas ao fracasso.

Considerações Finais

Observou-se que o ato de postar uma mensagem sobre a própria história de escarificação tanto confirma a necessidade de mostrar a produção de cortes como consiste numa possibilidade de organizar um discurso próprio e dar a este ato um sentido. A dimensão da identificação com os pares aparece ao destinar a postagem a outras jovens que também se escarificam, ou ainda à dona do blog que primeiro falou sobre o assunto, existindo aí uma identificação entre os pares e uma sensação de acolhida e pertinência.

No que se refere ao ato de postar uma mensagem na internet, observa-se que a escrita possibilita que estas jovens se situem em sua própria história, na forma como produzem seus laços e como se posicionam na relação com os pares. E mesmo que não tenham consciência disso, denunciam também o jogo inconsciente de dar a ver os seus cortes. Através do que contam, observou-se que a escarificação também se constitui numa modalidade de escrita: enquanto marca no corpo, ela produz um distanciamento temporário do afeto que tanto incomoda, ao mesmo tempo em que a repetição do ato permite o retorno deste afeto.

Assim, as cicatrizes deixadas no corpo deixam também a memória de que é possível transitar sem o risco de se perder de si pela falta de limite com o outro. A marca no corpo acaba sendo necessária ao interpor um limite que não foi inscrito de outra forma, pois é preciso uma contenção para a pulsão que emana do próprio corpo. Desta forma, compreendeu-se que faz mais sentido pensar na escarificação como uma forma de escrita no corpo do que como agressividade ou autolesão/masoquismo.

Sobre a dor física proveniente das escarificações, Costa (2002b), Manso e Caldas (2013), Silva Jr., Doucet, Gaspard, Carvalho e Gomes (2009), Silva Jr. e Moreira (2013) assinalam que ao infligir cortes em seu corpo um componente de dor emana deste ato e o sentir esta dor é necessário e constituinte, destacando que, numa sociedade onde a constituição identitária torna-se cada vez mais relegada ao próprio sujeito, sentir dor é uma prova de que seu corpo lhe pertence, pois este mesmo efeito de pertencimento do corpo não se assegura mais na relação com a alteridade. Ou seja, "para poder possuir seu corpo, reconhecê-lo, no campo difuso em que não se separa do Outro" (MANSO; CALDAS, 2013, p. 124), a modalidade de escrita precisa ser corporal, precisa ser delineada no corpo e inclusive sofrer o impacto da dor, para que se possa lembrar o que lhe é próprio.

Diante de todos esses apontamentos, observou-se que vivências relativas à passagem adolescente, associadas às vivências subjetivas cujo laço social dificulta a apropriação de seu corpo, podem levar algumas adolescentes a produzirem as escarificações, como tentativas de escapar às tensões que lhe afetam. São adolescentes que, no que se pode observar, encontram-se numa posição pouco favorável a esta passagem, pois estas dificuldades no laço parecem implicar diretamente nos processos de identificação, e assim utilizam-se deste recurso mais para delinear um contorno corporal do que para se machucar. Enquanto constituintes de um limite corporal, as escarificações são a tentativa de construção do eu *de per si*. Porém, ao mesmo tempo, são dirigidas ao outro como um pedido de reconhecimento e ajuda, sinalizando o quanto este limite não está mesmo constituído. Na impossibilidade de dar sentido ao próprio mal-estar, só lhe resta produzir cortes.

A escarificação, portanto, enquanto mera repetição, parece fracassar em chegar ao estatuto de sintoma, tal qual a concepção de Freud (2006h) sobre sintoma psíquico, posto que serve mais para o alívio da angústia do que para elaborá-la, e na resignação do ato, pouco ou nada se acessa, através dela, ao desejo inconsciente. Mas também se constatou, aqui, que escrever uma postagem na internet pode-se constituir num princípio organizador. Tendo a escrita como um elemento a mais, a escarificação pode ser atravessada pelos componentes da história e assim a repetição se amarra a um discurso. Ao que tudo indica, se a escrita puder viabilizar a passagem do *acting out* ao sintoma, e isto favorecer a adolescente uma nova abertura e produções de sentido, então esses cortes passam a ter uma função na economia psíquica, para além do puro alívio.

Recomenda-se que novas pesquisas na área sejam desenvolvidas, a fim de aprofundar os achados e as compreensões teóricas aqui desenvolvidas. Pesquisas clínicas podem indicar, com melhor precisão, a passagem de um *acting out* a um sintoma e, portanto, seriam muito importantes, especialmente para viabilizar possibilidades de manejo e de tratamento psicanalítico. Pesquisas que desvinculem as escarificações da passagem adolescente também precisam ser desenvolvidas. Por fim, a utilização de material oriundo de entrevistas clínicas, ou recursos outros que não a internet, pode aumentar a confiabilidade no material, mas acima disso, dar ao pesquisador maior profundidade e subsídios das informações sobre as vivências de cortar-se, o que poderia contribuir sobremaneira para um entendimento com alcance ainda maior do que a presente pesquisa possibilitou.

Sobre o artigo
Recebido: 01/09/2017
Aceito: 10/06/2018

Referências

ADLER, P. A.; ADLER, P. **The tender cut – inside the hidden world of self-injury**. New York: New York University Press, 2011.

CORSO, M.; CORSO, D. Game over. **Adolescência entre o passado e o futuro**. Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997. Disponível em: <https://chasqueweb.ufrgs.br/~slomp/edu01011/corso-adolescencia-game-over.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

COSTA, A. M. M. Apagando marcas: registro e endereço adolescente. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 10, n. 23, p. 9-17, 2002a.

COSTA, A. M. M. "Se fazer" tatuar: traço e escrita das bordas corporais. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 12, n. 7, p. 56-63, 2002b.

COSTA, A. M. M. **Tatuagens e marcas corporais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

DOUCET, C.; GASPARD, J. L.; SILVA JR., N.; CARVALHO, S. M. Estudo das marcas corporais na modernidade: sustentar a causa do sujeito. **Latino-American Journal of Fundamental Psychopathology**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 143-152, 2008.

FAVAZZA, A. R. The coming of age of self-mutilation. **The Journal of Nervous & Mental Disease**, Baltimore, v. 186, n. 5, p. 259-268, 1998.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006a, v. XII, p. 159-190.

FREUD, S. O estranho (1919). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006b, v. XVII, p. 137-152.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: _____. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006c, v. 3, p. 13-92.

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006d, v. XIX.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006e, v. XII.

FREUD, S. Ansiedade e vida pulsional (1933). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006f, v. XXII.

FREUD, S. Feminilidade (1933). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006g, v. XXII.

FREUD, S. Construções em análise (1937). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006h, v. XXIII, p. 271-287.

JATOBÁ, M. M. V. **O ato de escarificar o corpo na adolescência: uma abordagem psicanalítica**. 2010, 93f. Dissertação (Mestre em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

LE BRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 33, p. 25-40, 2010.

LE BRETON, D. O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 37, p. 33-44, 2012.

LIMA, N. L.; SANTIAGO, A. L. B. Por que os adolescentes escrevem diários na rede? A escrita de si no universo virtual. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rei, v. 5, p. 1, p. 53-64, 2010.

MANSO, R.; CALDAS, H. Escrita no corpo: gozo e laço social. **Ágora**, Rio de Janeiro, v.16, n. esp., p. 109-126, 2013.

MATHEUS, T. C. Quando a adolescência não depende da puberdade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 616-625, 2008.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: 20 out. 2013.

RASSIAL, J. J. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

SAVIETTO, B. B.; CARDOSO, M. R. Adolescência: ato e atualidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade,** Fortaleza, v.6, n. 1, p. 15-43, 2006.

SILVA JUNIOR, N.; DOUCET, C.; GASPARD, J.-L.; CARVALHO, S. M.; GOMES, L. G. N. A narrativa do destino e a função identitária do corpo na modernidade. **A peste**, v. 1, n. 1, p. 127-141, 2009. DOI: http://dx.doi.org/10.5546/peste.v1i1.2708

SILVA JR, N.; MOREIRA, L. E. V. O sacrifício do corpo como tomada da palavra e seu cálculo para a identidade: uma reflexão psicanalítica sobre as modificações corporais. **SIG Revista de Psicanálise**, Porto Alegre, n. 2, p. 99-106, 2013.

SUYEMOTO, K. L. The functions of self-mutilation. **Clinical Psychology Review**, Maryland, v. 18, n. 5, p. 531–554, 1998.

WHITLOCK, J. L.; POWERS, J. L.; ECKENRODE, J. The virtual cutting edge: the internet adolescent self-injury. **Developmental Psychology**, Washington, v. 42, n. 3, p. 1-11, 2006.